

ANAIS DA II JORNADA DE ESTUDOS CLÁSSICOS E HUMANÍSTICOS DE PARINTINS



UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS
CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE PARINTINS
PARINTINS - 2018

Weberson Fernandes Grizoste
(Org.)

Anais da II Jornada de Estudos Clássicos e Humanísticos de Parintins

<https://amazonas.academia.edu/latinitas>
latinitates.weebly.com
facebook.com/latinitates

Arte da capa: Thiago Godinho
ISBN: 978-85-7883-473-9

Centro de Estudos Superiores de Parintins
Universidade do Estado do Amazonas
Parintins – AM
2018



A HOMOSSEXUALIDADE DE NISO E EURIALO NA ENEIDA

Erick Marcondes da Silva Pinto [UEA]

Orientador: Weberson Grizoste [UEA]

Resumo: *Faz uma abordagem a respeito da relação entre Niso e Eurialo. Como objetivo de verificar que a questão do comportamento sexual entre homens sempre esteve presente na história da humanidade. E evidência o envolvimento entre homens, indicando os soldados que faziam parte de um modelo pederástico. Em certos casos passava a ter uma função pedagógica noutros casos uma forma de hierarquização de poder, que se tratará da Roma antiga.*

Palavras-chave: Homossexualidade. Niso. Eurialo. Eneida. Pederastia

INTRODUÇÃO

Neste artigo procurei como objetivo evidência superficialmente o comportamento de afeto entre homens na antiga Grécia e Roma antiga, especificamente a relação de Niso e Eurialo. Desse modo me importa fazer do passo da obra de Virgílio que celebra a relação entre dois guerreiros troianos, Niso e Eurialo assumidamente unidos por laços amorosos. O forte vínculo entre os dois já é evidente no canto V, mas é apenas no desenrolar da epopeia virgiliana no canto IX que eles assumem um destaque emotivo da parte de Niso por Eurialo. Sedentos por glória acabam por articular uma missão, mesmo assim falharam na missão, buscando atravessar os campos dos rútilos, sendo que Niso estava disposto a tudo quando Volceno enterrou a espada no peito de Eurialo. Uma prova mal sucedida pelos sentimentos de um homem pelo outro. Um gesto de amor, paixão ou amizade?

HOMOSSEXUALIDADE

[Segundo POLLAK (1987,pg.54-76) todo enfoque científico sobre o tema causa problema. A própria definição de homossexualidade está na origem de um conflito que tem como

efeito a polarização de hipóteses]. Segundo esse autor podem-se diferenciar-se teorias que constroem a homossexualidade como norma completa da normalidade e outras que tratam todas as declarações sexuais no mesmo nível. Os comportamentos não heterossexuais segundo as palavras do autor eram vistas como desvios, isto é, perversão, enquanto outras teorias o consideravam como caminhos diferentes. Segundo Philippe Ariés:

Alguns livros sugerem que a homossexualidade, seria uma invenção do séc. XIX. Isso não significa que antes não havia homossexuais, mas conheciam-se apenas comportamentos homossexuais, ligados a determinadas faixas etárias ou a determinadas circunstâncias, que não excluía, nesses mesmos indivíduos, praticas heterossexuais concorrentes (ARIÉS,1987,pg.80)

A antiguidade clássica não apresenta uma homossexualidade antagonica a uma heterossexualidade, mas uma bissexualidade cuja declaração parecia administrada pelo acaso dos encontros e não por todos os fatos baseados em causas humanas. Segundo Pelippe Ariés:

O aparecimento de uma moral rigorosa, apoiada em uma concepção filosófica do mundo como o cristianismo a desenvolveu e vem mantendo, favoreceu indiscutivelmente uma definição mais estrita da “sodomia”: mas esse termo, ditado pelo comportamento dos homens de Sodoma na Bíblia, designa tanto uma relação contra a natureza (*more canum*) quanto o *masculorum concubitus*, também considerado contra a natureza (ARIÉS,1987,pg.80)

A homossexualidade estava separada da heterossexualidade, separada da prática heteronormativa, mas era ao mesmo tempo refutada e abafada no espaçoso conjunto das perversidades. Em Roma o comportamento entre homens do mesmo sexo era proibido, entretanto eram praticadas em abscondito. Um dos aspectos da sexualidade romana na ótica contemporânea é que o amor do sexo masculino, mesmo em suas declarações mais combinadas, não deixa de ser uma contrariedade masculina para os romanos. Segundo Cuatrecasas:

Os hábitos sexuais do homem romano, alguns dos quais podem nos parecer atualmente aberrantes, não devem ser julgados segundo nossa escala de valores. Para sermos objetivos, temos de olhar, interpretar, e julgar os fatos levando em conta os critérios e a mentalidade da época em que aconteceram. [...] devemos compreendê-los dentro de uma moral e dos costumes da época em que se produziam (CUATRECASAS,1997,pg.66).

Nesse significado do autor, o cidadão romano aproveitava de uma transigência e de uma flexibilidade sexual quase completa. Embora os romanos oficialmente não aceitassem, mas eram bastante tolerantes a esse comportamento, que se faziam presentes em todos os extratos sociais de Roma. Tinha bairros romanos como é o caso de Subura e Esquilino que tinham prostíbulo unicamente com homens e jovens, assentado em exercer papel ativo ou passivo, de acordo com o gosto do freguês. Segundo Cuatrecasas:

As relações homossexuais aumentaram notavelmente no decorrer do Império, e as práticas homossexuais entre cidadão romanos, que antes tinha que ser mantida em rigoroso segredo, já não precisavam ser ocultadas. No exército, por exemplo, essas relações eram tão frequentes que Nerva e Trajano tiveram que proibir que um oficial superior fosse sodomizado por um subalterno; mas não o contrário, evidentemente (CUATRECASAS,1997,pg.112).

Esse comportamento foi abreviadamente tolerante com esse tipo de relação sexual, partilhado em todas as épocas da história de Roma, que surgirá na Grécia Antiga com a pederastia.

NISO E EURIALO

Dois jovens amantes se aventuram em uma trajetória de guerra. Niso um guerreiro experiente e maduro, Euríalo um rapaz jovem e ainda inexperiente, mas muito admirado por suas qualidades de lealdade e valentia. No canto V nos jogos fúnebres em honra a Anquises eles participam de uma corrida pedestre na qual participam Niso, Euríalo, Hélimo, Diores, nessa ordem os dois soldados eram

membros da esquadra troiana, e Hélimo que era da Sicília. Virgílio mostra os competidores e os prêmios para os três primeiros colocados, quase no fim da prova Niso cai no chão, olhando para trás, seguido por Sálío, Euríalo, Hélimo e Diores, Niso não hesitou e passou uma rasteira traiçoeiramente em Sálío que vinha na frente de seu melhor amigo, assim abrindo caminho para Euríalo alcançar a vitória. Segundo Virgílio:

Já quase no percurso final, cansados, aproximavam-se da chegada, quando o infeliz Niso escorregou no sangue traiçoeiro que, como por acaso, vertera dos novilhos imolados e molhava a terra e a vegetação verdejante. Nesse ponto o jovem, que já comemorava a vitória, não conseguiu equilibrar os passos, que escorregavam sobre o chão, e cai de cabeça no imundo excremento e no sangue consagrado. Contudo, ele não esqueceu de Euríalo, não se esqueceu de seu amor mútuo, pois, levantando-se naquela passagem escorregadia, interpôs-se a Sálío. Esse, por sua vez, caiu de costas, revolvendo-se na areia espessa. Euríalo se lança à frente e, vencedor com o favor de seu amigo toma a dianteira VIRGÍLIO (2005, pg.327-338).

A fidelidade entre os amigos é sentida como um amor de Niso por Euríalo. [Segundo VIRGÍLIO (2005, pg.294-296) Niso e Euríalo são os primeiros. Euríalo, conhecido por sua beleza e tenra juventude. Niso, pelo amor piur pelo rapaz]. Euríalo estava no ardor da sua juventude e esbanjava beleza e sensualidade, os atributos que segundo o olhar helenizado pederástico aspiravam em um rapazinho como ele. Segundo Esteves:

Antes, Euríalo, descrito por sua beleza juvenil, e Niso, descrito pelo amor ao rapaz, são apresentados ao leitor de maneira internamente recíproca. É dizer, a beleza e a juventude de Euríalo, que poderiam se afirmar de maneira absoluta, afetam especificamente Niso, que ama o rapaz, consubstanciando uma típica relação pederástica (ESTEVES, 2016. Pg. 105).

Até aqui, os dois guerreiros aparecem no canto v, depois só aparecerão no canto IX que entrarão em uma excursão noturna o que investiga e ratifica a esperança do leitor sobre essas personagens. Niso e Euríalo novamente são apresentados como uma dupla, e partiam para o combate noturno lado a lado. [Segundo Esteves (2016, pg. 109) E mais uma vez a relação entre os dois é definida pelo amor, no mesmo v. 182, que retoma e aprofunda o conceito expresso pelos v. 296 (“Nisus amore pio pueri”) e 334 (“non tamen Euryali, non illie oblitus amorun”)].

Niso pensa em Euríalo e em seu amor como indica o autor acima. Mas esse amor não é como nos conhecemos, pois tem uma diferença no sentido da palavra. [Segundo PAVLOCK (1985, pg. 218-219) Analisando a expressão *pius amor* do livro V, diz que “amor” se refere a uma emoção que frequentemente nos textos latinos tem a conotação de uma paixão obsessiva]. A interação que se faz entre ambos os personagens, percebemos entre uma típica relação pederástica, segundo o modelo ateniense clássico. Niso e Euríalo modelos gregos e não romanos, mas a morte de Niso e Euríalo só pode entende-se em presença dos códigos simbólicos da guerra grega, que definem a relação de amor pederástica entre ambos.

PEDERASTIA

A pederastia surgiu na Grécia e era comum a relação entre homens, com sentido pedagógico. Era uma prática prevista como componente do quadro de educação física dos adolescentes, o adulto ensinava as práticas sexuais como objetivo de prepara-lo na vida sexual na vida adulta. Segundo Esteves:

No que diz respeito a Grécia antiga, a pederastia consistia numa relação de aprendizagem a que todo o cidadão deveria estar submetido em determinado momento de sua vida. Tratava-se de um procedimento necessário à formação dos cidadãos do sexo masculino, livres e gregos, permitida entre homens já maduros e adolescentes imberbes. Nessa formação incluía-se a aprendizagem amorosa em que o sexo também estaria envolvido (ESTEVES, 2016,pg. 160).

Então era uma regra helenizada da Grécia antiga que se perdeu na Roma que não aceitava mais essa regra como componente educacional. Era vista com outra visão, já que em Roma o que prevalecia era a hierarquia de poder em todos os campos da vida social, mas as relações sexuais homoeróticas aconteciam de um jeito diferente na forma de dominador que era o ativo que possuía grau hierárquico elevado e o dominado era o passivo, que era sempre o desfavorecido economicamente de grau inferior na categoria hierárquica. Segundo Carlos A. André:

Não era, porém, o facto de duas pessoas do mesmo sexo manterem entre si uma relação que suscitava reservas, a diferença era outra e obedecia a uma matriz bem diversa: a distinção era entre exercer na relação sexual uma função activa ou uma função passiva ou, por outra, para usar uma linguagem mais explícita, a diferença era entre ser sujeito ou ser objeto da penetração (ANDRÉ,pg.176.2006)

No exercito, na relação homossexual geralmente o jovem de aspecto atraente, sensualizado e atraente era o parceiro passivo, enquanto aquele com aspecto mais viril seria o ativo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Enfatizando a relação de dois guerreiros que são troianos, para justificar o comportamento deles, falou-se da homossexualidade ou de homoerotismo na antiguidade clássica, pederastia e de Niso e Eurialo na sua excussão na guerra. Enfatizou-se o sentimento que nutriam refletindo em um comportamento emotivo entre eles. Sendo que na Grécia a pederastia era vista como uma prática pedagógica e que Virgílio talvez fizesse recair sobre seus dois personagens e refletindo no comportamento deles? Então o modelo de soldados de Virgílio não seriam romanos e sim helênicos da Grécia, evidenciando os aspectos da forte amizade, paixão e amor que se estabeleceu entre esses dois soldados de Enéias.

Conduzidos por um sentimento, limpo, sincero e companheirismo entre soldados daquela época em que só os homens eram obrigados a ir à guerra e as relações entre ambos do mesmo sexo era realizável pelo fato de os próprios guerreiros passarem tanto

tempo sem estar na presença legítima de uma mulher. Esse era um fator que condicionava homens a praticarem relações sexuais, mais essa atitude não era, por que, eles escolhessem praticar sexo só com homens, mas a situação os obrigava a terem o comportamento homoerótico com outro homem, ou nutrir um sentimento por um companheiro de guerra para abafar mais o desejo sexual por mulheres.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Autores Clássicos

P. B. Falcão (2008). **Horácio. Odes**. Lisboa: Cotovia, pg 45-123.

J. R. Ferreira (2005). **Catulo. Odeio e amo**. Coimbra: Minerva.

N. Firmino (1955). **Virgílio. A Eneida**. Porto: Livraria Simões.

O. Mendes (2008). **Virgílio. Eneida Brasileira**. Bilingue. Campinas: Unicamp.

T. S. Orpheu (1991). **Virgílio. A Eneida**. São Paulo: Cultrix.

Autores Modernos

C.A. André (2006), *Caminhos de Amor em Roma: sexo, amor e paixão na poesia latina do séc. I a. C.* Lisboa: Cotovia.

P. Ariès; A. Béjin (1987) (orgs). **Sexualidades ocidentais**. São Paulo: Brasiliense.

S. Avrella (2009). **A defesa de Sócrates**. Curitiba: Base Editorial. pg.134.

A. Cuatrecasas (1997). **Erotismo no império romano**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos.

K. J. Dover. **A Homossexualidade na Grécia antiga**. Trad..L. S. Krausz. São Paulo: Editora Nova Alexandria.

A. M. Esteves; K. T. Azevedo; F. Frohwein (2016) (orgs). **Homoerotismo na Antiguidade Clássica**. Rio de Janeiro: UFRJ.

M. Foucault (1984). **História da sexualidade 2: o uso dos prazeres**. Rio de Janeiro: Graal.

B. Pavlock (1985). Epic and Tragedy in Virgil's Nisus and Euryalus Episode. **Transactions of the American Philological Association**, v. 115, p. 207-224.

M. Pollak (1987). "A homossexualidade masculina ou: a felicidade no gueto?". In: P. Ariès; A. Béjin (orgs). **Sexualidades ocidentais**. São Paulo: Brasiliense. p. 54-76.